

Director e proprietario: P.º GASPAS DA COSTA RORIZ

Administrador: JOSÉ PINHEIRO

Sede da redacção e administração: CENTRO REGENERADOR DE GUIMARÃES
Rua de Val-de-Donas

Composto e impresso na Typographia Minerva Vimaranesse
Rua de Payo Galvão

O REGENERADOR

PUBLICA-SE ÀS SEXTAS-FEIRAS

“A Palavra,”

UMA INFAMIA

Está desfeita a calúnia, quanto a mim.

A «Palavra» declara que não ha desdouro para o sr. Padre Roriz em ter preferido não faltar ao compromisso tomado a ficar em Guimarães no dia das eleições.

E', pois, certo que não vendi o meu voto por 500000 reis.

Mas esta «Palavra» não pode sahir á rua um só dia sem lançar um labeu, propagar uma calúnia, dirigir um insulto, ainda aos homens mais respeitáveis.

Que triste sina!..

A minha ida a Mogadouro deu-me um grande prazer espiritual. Abracei velhos amigos, como o dr. Taveira, digno conservador naquella comarca; conheci illustres collegas, como o rev. Calejas, parcho e arcepreste de Mogadouro; pude presenciar um povo piedoso e crente na sua fervorosa devoção á Virgem Mãe de Deus; e, sobretudo, foi-me dado travar relações com uma das mais respeitáveis individualidades que tenho encontrado no caminho da vida. E' o sr. Dr. Augusto Cezar d'Oliveira, integerrimo juiz de direito na comarca de Mogadouro.

Conheci-o na intimidade do seu lar — esposo dedicadissimo, sorvendo em castos beijos de amor as lagrimas que a santa esposa ainda hoje verte pelo filho querido que a morte lhe arrebatou ha 14 annos; pae extremoso, procurando, á custa de grandes despesas, uma educação primorosa para a sua gentil filha, D. Otilia, que, sem sahir da sua casa do Asinhoso, conseguiu todas as prendas da mais fina educação litteraria e artistica, sendo encantadora pelo seu trato, respeitavel pelas suas virtudes, admiravel pela pericia com que fere as cordas do piano e com que distribue sobre sedas o matiz de lindas flores.

Vi-o respeitado e amado por todos. Soube que, como magistrado, é um austero cumpridor da lei, um julgador incorrupto e insubornavel, sendo ao mesmo tempo um homem de coração, prompto a sacrificar os seus interesses para estabelecer a paz e a harmonia entre aquelles que buscam no tribunal a garantia dos seus direitos.

Contemplei-o, edificado, no meio daquelle povo, empunhando a bandeira em que se ostentava a imagem de Nossa Senhora do Caminho, numa bella lição de piedade nestes tempos em que os homens duma certa categoria social se recusam a tomar parte nas manifestações publicas do culto catholico.

Pois á carta deste homem, em que, num impulso de verdade e de justiça, mostrava o quanto lhe repugnou o procedimento da «Palavra», chama o ex-diario catholico—*desprimorosa!!!*

E porquê?

Porque o sr. Dr. Augusto Cezar d'Oliveira dizia que o sueto

da «Palavra» era uma verdadeira infamia?

Não, porque esta qualificação incidia, principalmente, sobre o postal do anonymo.

O *desprimor* de tal carta estava nesta passagem—*se eu fosse assignante de tal jornal não precisava mais para me riscar* per omnia soecula soeculorum.

Aqui é onde lhe doe. Como a «Palavra» é actualmente uma empreza gananciosa, se algum se lembra de lhe escrever, dizendo que deixa de ser assignante, risca-se isto por... *desprimoroso*...

Assevera-me um amigo que se deu o mesmo com um bilhete do illustre abbade da Sé do Porto.

O illustre sacerdote enviou á «Palavra» um bilhete a proposito dum incidente que se prende com o regicídio. A «Palavra» publicou tudo, mas, quando chegou á passagem em que sua ex.^a declarava que deixava de ser assignante, não a publicou porque era... *desprimorosa!*

Devo declarar, por lealdade, que não vi isto na «Palavra», mas a pessoa que me informou merece todo o credito.

Não julgue a «Palavra» que eu tenho prazer em expôr perante o publico que me lê as abjecções que a tornam um dos mais infames jornaes, que actualmente se publicam no paiz.

Deus sabe a tristeza que me invade a alma ao comparar a «Palavra» de hoje com a «Palavra» de Manuel Fructuoso da Fonseca, que, sem transigir com o erro, sempre de atalaya na defesa dos seus principios do Christianismo, pugnava pelo bem da patria sem deixar de ser primoroso e delicado para com os seus mais encarniçados inimigos.

Estivesse elle ainda na direcção desse jornal!.. A «Palavra» não daria publicidade a informações anonymas nem se atreveria a chamar desprimorosa a uma carta dum homem tão respeitavel, como é o illustre juiz de direito de Mogadouro.

E' certo que a «Palavra» se auctorisa com o nome illustre do nobre Conde de Samodães.

Mas eu sei, de sciencia certa, que o velho fidalgo, tão respeitavel pelas suas crenças e pelo seu saber, não tem a *directão efectiva* desse jornal. Sua ex.^a só responde pelos artigos que assigna.

Não é, pois, director, é simplesmente collaborador.

A direcção está entregue talvez a alguma creança sem criterio, sem conhecimento dos homens, nem do seu tempo, consentindo—quem sabe?—que algum foragido dos arraiaes revolucionarios vá para os campos nacionalistas, combatendo com as mesmas armas, de que lá se servira, e que são a mentira, a calúnia, o embuste.

Creia a «Palavra» que o seu descredito vai-se alastrando.

Daqui a pouco será banida pelos catholicos, pelos homens sensatos e até pelos proprios nacionalistas.

A «Palavra» só terá um meio de se rehabilitar—perante os catholicos, conseguindo do illustre Bispo do Porto um documento em que recomende aos fieis a sua leitura; perante os homens sensatos, conseguindo uma declaração do nobre Conde de Samodães, em que affirme concordar com a orientação da «Palavra» na forma de combater os seus adversarios; perante os nacionalistas, publicando uma carta de applauso á sua orientação politica de qualquer dos homens mais notaveis desse partido—Jacintho Candido, Conde de Bretiandos Dr. Pinheiro Torres.

Consiga isto, e o seu descredito não se alastrará. Doutra maneira, a «Palavra» será uma empreza moralmente fallida.

E agora, para terminar, vou transcrever e commentar o que a meu respeito diz a «Palavra», em sueto publicado em 4 do corrente:

«Horribel abysmo!»

Diz um jornal:

«E os meus olhos pairaram num outro abysmo, simplesmente horrivel, porque é o abysmo da degradação moral a que chegou um dos mais infames jornaes que se publicam neste paiz.»

Esse abysmo horrivel é a «Palavra»; o trecho é do «Regenerador»; os olhos são do rev. Padre Gaspar Roriz, e a degradação moral está em termos ditos que não acreditamos que sua rev.^{ma} tivesse vendido o seu voto pelos 500000 reis de um sermão!

E' exactamente ahí que está a degradação moral da «Palavra».

Dar publicidade a uma informação anonyma é uma incorrecção indigna dum jornal que se préza.

Mas a hypocrisia, com que afirma que *não acredita que eu vendesse o meu voto pelos 500000 reis do sermão*, é uma verdadeira infamia.

Estamos todos fartos de saber que a «Palavra» não acreditou na baboseira. Para isso era preciso que fosse estúpida, e a «Palavra» não o é. Mas é malevola.

O mestre *Voltaire* estava a segredar-lhe:—«Espalha, espalha, que alguma coisa ha-de ficar...»

Ella espalhou, e os menos finos e menos malevolos acreditaram.

E ella, a «Palavra», estava talvez a rir-se da sua bella obra... Que triste sina!

P.º Gaspar Roriz.

IMPRESSÕES DUM VIMARANENSE

Meu querido e illustre amigo P.º Gaspar Roriz.

No dia 5 do mez ultimo passado parti desta villa de Caminha—que será muito linda para Mussets postiços, mas que é hedionda para positivistas—com direcção a Guimarães, acompanhado por duas filhas que adoro. Estas iam no firme proposito de se demorar em casa de seus tios a fim

de assistir aos festejos gualterianos e eu na disposição de regressar ao outro dia para me sepultar no marasmo deste rincão minhoto, aonde o espirito já se me teria enervado, se me não fôra despertado pelos soluços do mar, que beija enamorado estas espaçosas varzeas, ora verdejantes como a esperança, ora pallidas como o desalento. Eu amo o mar, que acho grandioso mesmo nos seus aspectos mais terriveis.

Mas é bem certo:—«o homem não *dispõe*—o homem põe e Deus *dispõe*». Não regresssei—não tive coragem para isso.

Aquelle ruido, aquelle oceano de seres vivos, aquellas ornamentações, aquelle harmonioso hymno da cidade, que ininterrompidamente me feria os timpanos, executado por não sei quantas philarmonicas, que umas após outras continuamente e a pequenos intervallos se seguiam, tudo aquillo me estupefazia, me embevecia e... não regresssei, quiz vêr até ao fim.

Participada esta minha resolução aos meus amáveis hospedeiros, estes, que por indole primam em generosidade, exultaram de contentamento—e eu depois de sacudir o pó e refrescar o peito e as faces, que trazia tisdadas pelo fogo do Averno... porque eu no curto travesso, que fiz da Trofa a Guimarães sôb um calor tropical, vi bem claro qual será a temperatura ignea da negra habitação de Lucifer!—sim, eu depois de alliviar-me do martyrio soffrido e lavar as guelgas com dois decilitros do bello verdasco espumante e saltitante... sahi, fui percorrer a cidade, quiz admirar tudo, queria certificar-me de que o cárcoma roaz ainda não pudera invadir o velho berço da monarchia, queria ver como remoçou a antiquissima cidade, aonde a minha infancia se deslisou entre mimos e louçanias e a minha mocidade decorreu entre esturdias e alacridades.—Atravessei o Tournal, e segui pela *porta da villa* para a rua da Rainha, que, artisticamente engalanada, semelhava um *túnel* de rosas, aureolado de estrelas.

E eu caminhava automaticamente, boquiaberto, ora de ventas para o ar, ora olhando para os lados, com uns modos de serrano que pela vez primeira pizasse terra civilisada.

—De repente, no meu volvêr d'olhos para a esquerda, deparo com uma rua estreita—uma viella—onde pasciam umas poucas de gallinhas, repugnantes d'aspecto, sôb uns pardieiros, donde por certo despejavam a nauseabunda immundicie, que por alli abundava.

Parei á vista daquelle contraste e bati na testa:—«que demonio!... não me lembro deste nojento sitio!»—E como junto a mim estivesse um velhote com trage de operario, pedi-lhe o favor de me dizer que rua era aquella tão cheia de porcaria e casebres prestes a desmoranar-se. Respondeu-me que era a antiga viella do Serralho.

Avivou-se-me então a memoria. Sim, era a viella do Serralho, que eu nunca em minha vida havia atravessado.

Mas — disse comigo mesmo—que diabo!... As camaras rasgaram avenidas, abriram novas ruas... e deixaram aqui pasmado no coração da cidade este esterquilinio secular?!... Sem duvida que alguma coisa sensacional presidiu no espirito dos illustres edis para conservarem intacto este espelho lamacento da civilização dos primitivos seculos!... Ah! já sei!—E' que de certo foi aqui que D. Affonso Henriques — ao chegar á sua juventude,—encontrou a primeira donairoza dama, que lhe fez sentir calafrios ao longo da espinha dorsal, num arrepio de volupia. Sim, senhor! muito bem!... mas nestes dias de festa, de grande concorrencia de forasteiros, deviam collocar á bocca da rançosa viella um distico, que indicasse o facto memoravel; porque hade haver algum tiranno ignorantão, algum má lingua desavergonhado, que se arroje a asseverar que aquelle fóco latrinario é devido a incuria, a estúpida indifferença dos illustres magnates.—Assim fiz o meu juizo, e segui o meu caminho, jurando não olhar mais para os lados.

Ao chegar porém ao largo da Oliveira, surge-me um novo e engraçado incidente, que não posso deixar de relatar-vos, meu dilecto amigo Roriz.

Eu caminhava pensativo, philosophando comigo mesmo, mas distraído como o astrologo da fabula, quando uma mão delicada me faz signal de parar e uma voz argentina me desperta desta forma:

—Oh! F... (pronunciou o meu nome de baptismo) Tu por aqui?!... não me conheces?

Antes de responder, observei-a da cabeça até aos pés, tremulo de estupefacção.—Era uma dama elegantemente vestida, com um chapéu moderno de côr cinzento escuro, encimado de duas plumas negras, que ondulavam á mercê do vento fresco, que então soprava e donde pendia um véu da côr do anil dos céus, que lhe cobria meio rosto, alvejante de neve. Roçava um vestido de fino tecido, côr de granada, um pouco decotado, deixando ver através duma finissima renda, muito transparente, o collo alabastrino até ao sulco superior, que formam os tumidos seios, quando unidos por um aperto suave. Cingia-lhe a cintura, que fazia inveja á mais bem formada vêspera, uma tira de verniz preto, e calçava umas luvas *gris-perle*, chegando até á parte media do ante-braço, que a natureza caprichára em tornear com artistica perfeição, e lhe comprimiam as delicadas mãosinhas, que, appetecia ver descobertas para as cobrir de beijos.

Fiz este exame num relance e exclamei:

—A melodia dessa voz não é extranha aos meus ouvidos, mas...

—Bem digo eu!—retorquiu ella com ar de indignada—Não me conheces!... Assim estarei eu

Visita illustre

Em companhia de suas filhas, esteve ha dias entre nós o grande dramaturgo do Affonso d'Albuquerque, sr. Henrique Lopes de Mendonça.

Sua Ex.^a visitou, em companhia do nosso conterraneo sr. Alfredo Guimarães, os edificios da Sociedade Martins Sarmiento, Collegiada, Castello, Hospital de S. Domingos, Mosteiro da Costa, etc., ficando agradavelmente impressionado com os encantos da nossa terra e dos seus monumentos.

COMMUNICADO

A gréve dos operarios textis

Ex.^{mo} Snr. Redactor:

Em transitio para Barcellos, e do caminho de ferro.

O sr. Francisco Ignacio da Cunha Guimarães, industrial do Pevidem, não ficou, ao que parece, satisfeito com tudo quanto lhe dissemos, como correspondente, nesta cidade, do «Jornal de Noticias», do Porto, e assim veio no «Independente» com um communicado, senão um insulto, tão fóra do primôr, que hade ser apreciado pelos tribunaes a seu tempo.

Por enquanto os nossos affazeres, que justificaremos, não nos permitem dar-lhe a merecida resposta; não obstante pedimos aos leitores do «Independente» que suspendam por uma semana os seus suggestionados juizos até que, no proximo numero de «O Regenerador», possamos amputar o inaudito, não o desqualificado, communicado do sr. Francisco Ignacio da Cunha Guimarães, que nada mais é do que um appello aos seus amigos locais politicos, com o testemunho do seu outra vez operario Manuel Polonia contra o caracter e probidade dos povos do Pevidem, sem contar com o testemunho dos, para o sr. Francisco Ignacio da Cunha Guimarães, *inqualificaveis* nossos collegas, mas presadissimos caracteres, snrs. Antonio Infante e Manuel Gomes dos Santos Oliveira.

Para que se não diga que receamos as investidas do sr. Francisco Ignacio da Cunha Guimarães, desde já promettemos a este cavalheiro que, não só lhe havemos de contradizer testemunhalmente a nova e alterada declaração do seu outra vez operario Manuel Polonia, mas ainda apreciarmos com todo o respeito e consideração, a outra declaração com que pretende desmentir-nos, que não passa dum balão de ensaio, que não péga, por parte do sr. Francisco Ignacio, é claro.

A *ingenuidade maliciosa* do sr. Francisco Ignacio da Cunha Guimarães e a malicia dos seus *conselheiros*, nossos inimigos, hão-de vir a lume a seu tempo, já que estes, occultos pelo sr. Francisco Ignacio, nos acertaram com a pedrada.

Rirá bien, qui rirà le dernier.
De v... etc.
Abilio Coutinho.

ANNUNCIOS

Arrematação

No dia 25 do proximo mez de setembro, ao meio dia, no tribunal judicial desta comarca, sito na rua das Lamellás, desta cidade, vão ser postos em pra-

ça para serem entregues a quem mais offerecer acima da avaliação, os bens seguintes, penhorados na execução de sentença que Raul Brandão, da cidade de Lisboa, move contra Manoel Bernardino d'Araujo Abreu, solteiro, maior, da freguezia de Nespereira, desta comarca:

O assento do casal de Martim, situado no lugar do mesmo nome, freguezia de Nespereira referida, allodial e que se compõe de casas sobradadas, terreas, telhadas, córtes, eido, latada, quintal, horta com arvores de vinho e fructa e diversos terrenos que são conhecidos pelos nomes de: Pomar, leira por cima do pomar, leirinha da Nogueira, campo da Matta, leira de Pereirinho, campo do Fojo ou Feijó, a Matta, o Olival, o Roço do Olival, o Roço de Fojo, o Parrôlo com uma casa terrea e telhada e alpendre colmaço, e uma eira la-drilhada em parte, a Horta e os dois campos dos Marmelleiros, o campo dos Castanheiros e a leira a elle junta, o campo do Nabal, o campo do Olival, a bouça das Portellas e o Roço da Fonte, tudo junto e unido, terras lavradas e de matto com pinheiros e carvalhos, avaliado em 2:495\$000 reis.

A sorte do Pinheiral, de matto com pinheiros e carvalhos, no mesmo lugar e freguezia, allodial, avaliada em 384\$000 reis.

A leira dos Marmelleiros,

lavrada, com arvores de vinho e fructa, os Portellos, de matto e fructa, os Calços, lavradio e matto com arvores de vinho e carvalhos, o campo dos Calços, lavradio, com arvores de vinho e o campo dos Calles, lavradio, com arvores de vinho e um moinho ao lado do poente, tudo junto e unido, allodial, no mesmo lugar e freguezia, avaliado em 1:298\$400 reis.

O Campo Longo, lavradio, com arvores de vinho, allodial, no mesmo lugar e freguezia, avaliado em 1:237\$200 reis.

O campo do Arco, lavradio, com arvores de vinho e uma bouça de matto com carvalhos, que tambem se denomina do Arco, allodial, na dita freguezia, avaliado em 1:278\$400 reis.

O campo do Fojo ou Feijó, isto é, a parte que fica para o sul da estrada e que foi por ella cortado, lavradio, com arvores de vinho, allodial, na dita freguezia, avaliado em reis 40\$000.

A sorte chamada do Arco, de matto com carvalhos, na dita freguezia, de praso fateusim, foreira á Camara deste conceelho em 300 reis annualmente e laudemio de quarentena, avaliada em 413\$400 reis.

A propriedade chamada do Arco, allodial, na dita freguezia, que se compõe de casas terreas e telhadas e terreno de cultura com arvores de vinho, tudo junto e unido, avaliada em 630\$000 reis.

Todas as propriedades são postas em praça com os seus direitos, accessorios, servidões activas, aguas e mais pertencas.

Ficam pelo presente citados quaesquer credores incertos do executado.

Guimarães, 30 de Agosto de 1910.

Verifiquei.

P. de Rezende.

O escrivão do 6.º officio, ajudante,

Armando da Costa Nogueira.

Regimento n.º 20 de infantaria do Infante D. Manoel

O conselho administrativo deste regimento faz publico que no dia 22 do mez corrente, pelas 11 horas da manhã, na sala das suas sessões, se procederá á arrematação em hasta publica para o fornecimento de generos para a confecção dos ranchos, durante o tempo que decorre de 1 de dezembro de 1910 a 30 de novembro de 1911.

As propostas, organisadas conforme o modelo junto ao caderno d'encargos, com indicação dos generos a fornecer e respectivos preços, serão entregues, em envelope fechado e lacrado, no conselho adminis-

trativo até á hora annunciada para a arrematação, acompanhadas da quantia de 30\$000 reis, como caução provisoria.

O deposito definitivo será de 5 a 15 %, calculado em harmonia com a importancia do consumo provavel.

As condições do fornecimento e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes neste conselho administrativo em todos os dias uteis, desde as 11 horas da manhã até ás 3 horas da tarde.

Quartel em Guimarães, 7 de setembro de 1910.

O secretario do conselho administrativo,

Luiz Pereira Loureiro.

tenente do corpo d'officiaes de administração militar.

Casa Penhorista Vimaranense

RUA DA RAINHA N.º 144

GUIMARÃES

AVISO

Leilão de Penhores

Faz-se publico que no dia 9 de Outubro e seguintes, pelas 9 horas da manhã, proceder-se-ha á arrematação de todos os objectos depositados nesta casa, que, por falta de pagamento dos respectivos juros, se julgam abandonados por seus donos.

Guimarães, 5 de Setembro de 1910.

Os Proprietarios,

Peixoto & Rocha.

MIRANDA (Para Abilio)—Tu e este senhor (apontando Aprigio) ides ser entregues á policia. E' preciso um exemplo para acabar com os larapios. Snr. Alberto, não deixe sahir daqui ninguem. (Para o lavrador e lavradeira) Vocemecês servem-me de testemunhas. Eu vou falar com o administrador e já volto. (Vae dentro do balcão buscar o chapéo.)

LAVRADOR (Para a filha)—Arranjáste-la bonita!...

LAVRADEIRA—Valha-me Deus! Eu num sabia...

APRIGIO (Declamando):

«Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,
Vós, que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr a corôa da desgraça
Aos pés do cysne luso...»

SCENA XXI

Os mesmos, Manoel e Francisco

(Miranda encontra-se á porta com Manoel e Francisco. Este traz ainda o bahú.)

MANOEL—Ora viva o sr. Miranda! Pode-me dar uma palavrinha?

MIRANDA—Oh! estimo bem que cá viesse com o seu filho. Estou ás suas ordens.

MANOEL (Com o chapéo na mão.) Ora, sr. Miranda, como hoje era dia de feira, vim á cedade para fazer umas compras lá para os amanhos de casa. Quando me ia embora encontrei o rapaz com o bahú. O coração deu-me um salto aqui dentro. Préguntei-lhe aonde ia e vae elle respondeu-me que ia para nossa casa... P'ra quê?—preguntei eu; e vae elle e disse-me:—Foi o patrão que me mandou embora...—E porque é que o patrão te mandou embora?... O rapaz num respondeu: começou a chorar. Ou! que aconteceria ó rapaz?... Disse eu co's meus botões. Voltei á carga:—Ou me dizes porque vaes embora ou te racho aqui. Elle então contou-me que o patrão o despediu porque desconfiava que elle lhe roubava dinheiro da gaveta...

que era uma profeição... (Para Aprigio) o senhor passou bem?

APRIGIO (á parte)—Mau! A rapariga compromette-me.

LAVRADEIRA (Para Aprigio e Abilio)—Se vocemecês quizessem ir á nossa 'sfolhada... E' no sabbado á noute... Isso é que havia de ser uma pandega!...

ABILIO—Então de qual chita escolhe? Esta é muito bonita...

MIRANDA (Interrompendo)—E barata. A menina vae ter uma saia da melhor chita, se me provar que é verdade tudo o que acaba de dizer.

APRIGIO (Á parte, fazendo menção de fugir)—Eu safo-me...

FAUSTINO—Espere um bocadinho.

LAVRADEIRA (Vendo Faustino)—Olá, sé Faustino! (Para Miranda) Olhe alli está quem me num deixa mentir. O sé Faustino tamem estava lá a bober café e bem biu...

LAVRADOR—O' rapariga, tu 'stás p'ra ahi a dar á tramella e num bés que podes fazer mal ó cachôpo?...

LAVRADEIRA—Mal porquê? (Para Miranda) Num lhe faça mal. Vocemecê inté deve ter estifação por ter um caixeiro assim tão bem fallante e tão adbertido. O sé Faustino pode dezer como elles num tratavam mal ninguem...

MIRANDA—O' Faustino, é verdade o que esta menina acaba de contar?

FAUSTINO—Como dois e dois serem quatro.

APRIGIO (á parte)—Eu safo-me...

MIRANDA—O' sr. Aprigio, peço-lhe que espere um pouco... Eu quero liquidar este negocio...

APRIGIO—Eu não tenho nada com os negocios do sr. Miranda...

MIRANDA—Não é tanto assim... Esta menina diz que o sr. tambem estava com o meu marçano, e eu preciso tirar isto a limpo.

APRIGIO (Exaltando-se)—Mas, senhor!...

MIRANDA—Não se exalte. Espere que mando eu. E, se tentar retirar-se, mando-o prender!...



HIGH-LIFE

93—RUA DA RAINHA—97

GUIMARÃES

Atelier da Moda

Chapeus para senhoras e creanças, capotas, etc.

Camisaria High-life

Grande e variado sortido de câmisas brancas e em zephrs inglezes, o que ha de melhor no genero em corte e padrão. Variadissimo sortido de collarinhos, ultima novidade em todos os feitios. Punhos de côr e brancos. Ceroulas zephir.

Gravataria

Grande e variado sortido de gravatas em *ponta larga* (inglez), tira (Principe de Galles), *Lavaliers*, plastrons, laços de seda e cambraia.

Luvaria High-life

Grande e variado sortido de luvas de pelica, fio de escocia, sued, etc.

Modas

Lenços para bolso de seda e algodão. Meias e peúgas; *echarpes automobilistas*; velludos; *surahs*, *mousselines*, sedas *pongés*, *moirés glacés*, setins, fitas de seda e de velludo, etc.

Retrozeiro

Artigos para bordar, como sedas, etamines, etoiles, porte-escovas, algodões em novellos e meadas, e tudo o que é concernente á arte de bordar. Paramentos e alfaias ecclesiasticas, sedas, damascos, galões, barretes e cabeções para clérigos, etc.

Espartilhos

A casa HIGH-LIFE tem o exclusivo em Guimarães da fabrica portuense — **A PRINCEZA**. — Corte esmerado em diversos e elegantes feitios. Cintas hygienicas em tecido e borracha.

O estabelecimento **HIGH-LIFE** é o mais completo no genero modas e miudezas que existe em Guimarães.

PREÇO FIXO A' casa **HIGH-LIFE**

93, RUA DA RAINHA, 97

50

APRIGIO — A mim?!... Prender um homem que apenas vive da inspiração das musas...

FAUSTINO (*Interrompendo*)—E das limpezas que os marçanos fazem nas respectivas gavetas!...

APRIGIO — Infame! (*Vae a dirigir-se para Faustino.*)

FAUSTINO—Suspenda lá isso... Eu não sei quem são essas senhoras Musas que lhe dão a vida a ganhar; mas parece-me que não são muito largas de mãos. (*Para Miranda*) Ora, senhor Miranda, visto que quer saber o que vae pela sua casa, vou-lhe dizer tudo. O snr. tinha aqui um marçano que era o rei dos rapazes. Muitas vezes vim dar com elle a chorar. — Que tem Francisquinho? *préguantava-lhe* eu!—Não tenho nada—respondia-me elle quasi sempre. Mas aquella de encontrar o pequeno sempre triste e muitas vezes com as lagrimas nos olhos fez-me 'specie, e eu que sou p'ra'qui um *probe* diabo, tenho coração e tinha muita pena d'elle. Um dia fiz-lhe a *préguanta* do costume e elle deu-me a mesma resposta. Pensei commigo: Nada! aqui ha cousa. E vae e disse-lhe: Oh! homem! diga p'ra'hi o que tem! Desabafe commigo: faça de conta que cae tudo num poço. Então o pequeno contou-me que tinha um grande desgosto na vida. Que o patrão desconfiava que elle não era fiel e porisso que vivia triste. E vae eu disse-lhe:—Deixe estar que quem hade restituir-lhe o *créto* hei-de ser eu. Comecei *antão* a vir mais a miudo por aqui. A's vezes estava eu alli, encostado á porta, assim como quem não quer a coisa... E muitas vezes vi aquelle menino (*apontando Abilio*) tirar dinheiro da gaveta para dar a este cavalheiro... (*apontando Aprigio.*)

APRIGIO—Isso é uma calumnia!

LAVRADOR (*Baixo á lavradeira*)—Quem te cortasse a lingua!...

LAVRADEIRA—Eu num sabia que fazia mal...

MIRANDA (*Para Faustino*)—Continua...

FAUSTINO—Hoje levantei-me cedo para ir ao comboy das cinco levar as malas d'um socio que estava hospedado na hospedaria da Vista Alegre. Estive a matar o bicho e tal, sim, senhor; e sabe o que eu vi? Aquelle

ANTIGA CASA VIEIRA

—DE—

José Gonçalves Barroso

Toural, 45—2, Rua de S. Paio, 8

Guimarães

Completo sortido em artigos de mercearia; especialidade em chá e café. Vinhos finos e bebidas, tabacos, bolacha e o acreditado biscoito das Lages.

Premios aos consumidores de chá e café

RECLAME

Esta casa offerece 6 lindos premios aos consumidores de chá e café, distribuindo 1:300 senhas numeradas, cabendo os 6 premios a 6 dos consumidores que mais senhas colleccionarem. Cada cliente que compre 500 grammas de café especial por 340 reis, 500 grammas de café superior por 400 reis, 100 grammas de chá por 200 reis, 100 grammas por 240 reis, 100 grammas por 280 reis, 100 grammas por 340 reis, de cada fracção receberá uma senha que o habilita aos seguintes premios:

- 1.º—Uma linda bandeja majolica de 0,50 × 0,32
- 2.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 3.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 4.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 5.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 6.º—Um candieiro de mesa com abatjour

Além dos premios acima, distribue aos pequenos consumidores de chá e café o seguinte:

Cada cliente que compre 80 reis de café especial, 90 reis de café superior, 60, 70, 80, 100 reis de chá, de cada fracção recebe uma senha que lhe dá direito a uma linda chavena com pires, de porcelana, depois de ter colleccionado 30 senhas.

ATENÇÃO

Distribuidas as 1:300 senhas para os primeiros brindes, esta casa procederá á distribuição dos 6 premios; procedendo em seguida a nova distribuição de senhas para novos premios que exporá aos seus clientes, em tempo opportuno.

51

menino (*aponta Abilio*) este cavalheiro (*Aprigio*) e mais outros *gabirús* em grande borgia, cantando, comendo e *bobendo*. A despeza não havia de ser pequena. Ora, como eu já andava com a pedra no sapato, quando vim do comboy préguentei ao *Zé*, ao creado, que ainda é meu parente, quem foi que pagou toda aquella despeza, e vae elle disse-me que foi o Abilio, marçano do snr. Antonio da Costa Miranda...

ABILIO (*áparte*)—Estou perdido...

FAUSTINO (*Continuando*)—E que não era a primeira vez que elle entrava em pandegas como aquella. Ora aqui está!...

MIRANDA—Oh! que patifes!

APRIGIO—Eu retiro-me...

MIRANDA—Retira-se?! E julga que eu o deixo retirar-se assim, sem o entregar ás auctoridades para pagar o seu crime?!

APRIGIO (*Formalisado*)—O snr. Miranda sabe com quem falla?...

MIRANDA (*Muito zangado*)—Eu falo com um maroto que me desencaminhava o rapaz! Eu falo com um ladrão que ajudava a arruinar a minha casa!...

APRIGIO—Oh! e diz-se isto a um intellectual?!... (*Miranda passeia agitado*) Diz-se isto a quem passa a vida a exteriorizar o sentimento do bello no metro irrehensivel de versos inspirados.

FAUSTINO (*áparte*)—Com o metro precisavas tu mas era pelas costas abaixo...

MIRANDA (*Parando*) — Bem! acabemos com isto. (*Para Aprigio*) Não consinto que se retire. (*Para Abilio*) Anda cá rapaz. (*Abilio sae de dentro do balcão e aproxima-se*) E' verdade tudo isto que ouviste? (*Aprigio faz signaes a Abilio para que diga que não; Miranda vê esses signaes*) Basta! Não preciso de mais provas.

ABILIO (*Supplicante*)—Perdão! Eu não torno a fazer outra.

MIRANDA—Oh! e como eu fui injusto para com aquelle pobre rapaz que mandei embora!...

FAUSTINO—O Francisquinho! Isso era o rei dos rapazes: honrado, trabalhador, *obedinte* e bem creado.

CASA

Arrenda-se uma boa morada de casas com horta e quintal sita ao apeadeiro de Covas na freguezia de Urgezês.

Quem pretender, fallar com o seu proprietario o snr. Francisco Martins de Abreu, no logar de Santo Amaro, freguezia de S. Vicente de Mascotellos.

Instituto Escolar Hermano

Esta casa de ensino, inteiramente remodelada, continuará a funcionar nos termos que opportunamente se tornarão publicos, para alumnos internos e externos, explicações, curso commercial etc., sob a direcção de professores de provada competencia.

Desde já se inscrevem alumnos. Rua das Lamellas, 29

Canções e Fados

E' uma formosa combinação de musicas populares, de que é auctor o snr. José da Costa Píneiro, professor de musica no Collegio de Nossa Senhora do Rosario, de Villa Real.

A' venda na casa High-Life, rua da Rainha—93—97.

Preço—1000 reis.

ESCOLA MODERNA

Neste estabelecimento de educação e ensino, que tão brilhantes resultados tem colhido, recebem-se alumnos internos, semi-internos e externos. As aulas de instrucção primaria reabrem no dia 1 de outubro.

O professor

Manoel Gomes dos Santos Oliveira.

CURSO DE EXPLICAÇÕES

Padre Alfredo da Silva Correa e Augusto Ramôa, leccionam todas as disciplinas que constituem o curso do lyceu, exames singulares, exames de preparação para professores officaes e instrucção primaria para todas as classes. Para reger a cadeira de inglez vem um professor com larga pratica de ensino.

Este curso principia a funcionar no proximo mês de outubro na rua das Lamellas e Edefício da Escola Moderna, onde se admittem alumnos internos, semi-internos e externos.

HIGH-LIFE

93, Rua da Rainha, 97

GUIMARÃES

Chapeus para senhoras e creanças